

Senado Federal

PMDB

**Crise política** Bancada do maior partido decide, por maioria, que ninguém mais assina requerimento

# PMDB susta apoio de senadores à CPI

29 MAR 2001

**Ricardo Amaral**  
De Brasília

Deve ficar restrita às seis já contabilizadas o número de assinaturas de senadores do PMDB em apoio ao requerimento da CPI da corrupção. A decisão foi tomada ontem pela maioria da bancada de 27 senadores do partido, mas não houve fechamento de questão, para não constri-ger os parlamentares que, por razões diversas, assinaram o requerimento da oposição. A decisão foi festejada pelo comando do partido: "Até o dólar caiu", disse o líder Renan Calheiros.

Contidos os três senadores que ainda pretendiam aderir — Amir Lando (RO), Casildo Maldaner (SC) e Ramez Tebet (MS) — dificilmente a CPI passará das 25 assinaturas de hoje (duas a menos que o necessário para ser instalada), avaliou o líder do PT, José Eduardo Dutra (SE). "Vamos insistir nos próximos porque estamos muito perto", afirmou, demonstrando que o governo correrá um risco permanente de ser chantageado por parlamentares de sua própria base.

O presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), repetiu que sua adesão ao requerimento foi "motivada por imperativos pessoais" e defendeu na reunião que a bancada não seguisse seu

exemplo. Dentre os que já haviam assinado o requerimento, Maguito Vilela (GO), foi o que mais reclamou da decisão. "O PMDB fica no governo para manter seus ministros, mas nenhum deles serve ao partido", queixou-se. "Precisamos melhorar as péssimas estradas do país", acrescentou, repetindo o bordão do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) contra o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha.

A decisão do PMDB também foi comemorada por outros líderes governistas, como Sergio Machado (PSDB-CE). "Minha única surpresa foi a adesão do senador Paulo Souto", disse Machado, referindo-se ao senador do PFL baiano, que assinou na noite de anteontem depois de resistir durante quase uma semana aos apelos de Antonio Carlos. O comando do PFL também não esperava a assinatura de Souto, que vinha sendo atraído para uma posição de independência em relação a Antonio Carlos na política baiana.

O ex-presidente do Senado disse que o PMDB não dará apoio à CPI porque "ela inclui investigações sobre os desvios de Jader Barbalho no Banco do Pará". Na reunião do PMDB, o presidente do PMDB disse possuir, mas não exibiu, antigo documento do Banco Central determinando o

arquivamento do caso, que agora está sob exame da Ministério Público do Pará.

Quatro senadores não compareceram à reunião da bancada: Pedro Simon (RS) e José Alencar (MG), que já haviam assinado o requerimento, Amir Lando (RO), que ameaçava assinar, e José Sarney (AP). Os dois últimos, consultados por telefone, disseram acatar a decisão da maioria. "Um partido democrático não fecha questão sobre assuntos de consciência", disse Renan.

O realinhamento do PMDB com o governo estendeu-se à Câmara, onde alguns dos parlamentares que haviam apoiado o requerimento retiraram assinaturas, segundo o líder Geddel Vieira Lima (BA). "Estamos fazendo com que reflua com proselitismo, mostrando que a CPI seria ruim para o país", disse Geddel, negando que haja pressão do governo sobre os deputados.

O Planalto terá de pagar no futuro pelo apoio que recebeu não apenas do PMDB, mas também de legendas médias, como o PL e o PTB, que seguraram as adesões na última hora. Os dois partidos esperam ser recompensados com postos no primeiro escalão do governo. O governo admite que, mesmo vencida a batalha no PMDB, terá de administrar ameaças individuais permanentes.